



## Mídia e violência: retratos de uma comunicação desigual da igualdade

Denise Gonring<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense

Yasmine Hofmann<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

### RESUMO

A violência e a criminalidade nas áreas menos favorecidas de Vitória torna-se produto “espetacularizado” na narrativa dos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*. Este artigo tem como proposta identificar uma das faces desse contexto que tem se mostrado preconceituosa e carregada de valores, não revelando as pluralidades existentes nesses territórios. É, também, uma tentativa de se pensar possibilidades outras do fazer jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; imprensa; narrativa; espetacularização; violência

### Apresentação

*“Porque os jornais noticiam tudo, tudo menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida”  
Rubem Braga, 1951*

O resgate social das populações mais pobres das áreas de Vitória originou o embrião que se tornaria o programa Terra Mais Igual, da Prefeitura de Vitória<sup>3</sup>, uma experiência de urbanização que se iniciou na década de 1990, com a proposta de transformar regiões menos favorecidas da capital. Nesse quadro desenhado para o desenvolvimento sócio-econômico, os enquadramentos dos fatos sociais pela mídia, de uma forma geral, têm acentuado os fragmentos da violência, ampliando esses acontecimentos que, nem

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). [denisegonring@yahoo.com.br](mailto:denisegonring@yahoo.com.br) e [dgonring@vitoria.es.gov.br](mailto:dgonring@vitoria.es.gov.br). Atualmente é analista de Comunicação do programa Terra Mais Igual da Prefeitura de Vitória.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação, da linha meios e produtos, pela Universidade Federal de Minas Gerais. [Yasmine.hofmann@gmail.com](mailto:Yasmine.hofmann@gmail.com) e [yhofmann@vitoria.es.gov.br](mailto:yhofmann@vitoria.es.gov.br). Atualmente é analista de Comunicação do programa Terra Mais Igual da Prefeitura de Vitória.

<sup>3</sup> O programa Terra Mais Igual tem suas origens no projeto São Pedro, que nasceu na década de 1990, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das famílias que ocupavam de forma irregular o ecossistema do manguezal na parte oeste da Ilha de Vitória. O princípio norteador da metodologia de trabalho foi a participação popular, com as comunidades sendo envolvidas em todas as etapas do processo de reconstrução social das áreas degradadas. A partir de 2005, o programa foi renomeado para Terra Mais Igual, tendo como prioridade as ações ligadas à parte socioambiental, mantendo também como base os trabalhos urbanísticos, ambientais e econômicos. O programa atinge 30 bairros e 12 comunidades, atendendo uma população de aproximadamente 84 mil habitantes. Essas regiões foram agrupadas em 15 áreas denominadas de poligonais.



sempre, refletem o perfil da realidade em que estão inseridas. No presente artigo, pretendemos demonstrar como a violência descrita nas áreas menos favorecidas de Vitória, denominadas no Terra Mais Igual como poligonais, tem se tornado, de certa forma, um produto sensacionalista de consumo. Um espetáculo, nos termos de Guy Debord (1967), para quem:

“O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação* (...) é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente (...) o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante”. (Debord, 2003, 09).

Debord nos serve aqui como guia para pensarmos a espetacularização da violência pela mídia. Para isso, partimos de um pequeno recorte que surgiu do nosso trabalho enquanto profissionais de comunicação do programa Terra Mais Igual. Casos de violência em áreas atendidas pelo programa podem justificar a paralisação de ações no locais, uma vez que muitas dessas intervenções são financiadas com verba federal ou de outras fontes de financiamento<sup>4</sup>.

Acompanhando o que sai diariamente na mídia impressa, em particular nos dois jornais de maior circulação do Estado, *A Gazeta* e *A Tribuna*, percebemos a existência de um rico material, utilizado aqui como ferramenta para promover uma análise sobre a percepção dos meios de comunicação impressos e a reprodução em suas páginas diárias dos acontecimentos relacionados aos bairros e comunidades carentes do município.

O recorte em questão dá conta das matérias e notas publicadas nos últimos três meses de 2009, divididas em dois segmentos: “Violência nas Poligonais” e “Poligonais na Imprensa”. Neste, reunimos todas as matérias que não falavam de violência, criminalidade ou assuntos relacionados à segurança. No período pesquisado, verificou-se que os bairros e comunidades pertencentes às poligonais de atuação do Terra Mais Igual<sup>5</sup> apareceram 113 vezes nos dois jornais. Desse total, 60 matérias eram de

---

<sup>4</sup> O programa recebe recursos financeiros do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), ambos do Governo Federal, e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e contrapartidas da Prefeitura Municipal de Vitória.

<sup>5</sup> Nosso recorte se deteve as oito poligonais onde estão acontecendo intervenções do programa, a saber: Poligonal 1 São Benedito, que compreende os bairros de Consolação, Itararé, Bonfim e Penha e São Benedito; Poligonal 1 Jaburu, composta pelas comunidades Jaburu e Floresta; Poligonal 2, formada por Forte São João, Cruzamento e Romão e comunidade Alto de Jucutuquara; Poligonal 3, que abrange os



violência e 53, de assuntos diversos. *A Tribuna* veiculou 43 matérias de violência e *A Gazeta*, outras 17. As demais matérias foram distribuídas da seguinte forma: 31 em *A Tribuna* e 22 em *A Gazeta*<sup>6</sup>. Sobre as matérias, vale uma breve análise.

As matérias de violência falam em geral de execuções de menores; assassinatos; tiroteios; roubos; violência contra mulheres, crianças, adolescentes e genitores; moradores atingidos por balas perdidas; apedrejamentos de ônibus; agressões em escolas envolvendo tanto alunos como professores; detenção de usuários de drogas; ações do tráfico; guerra de gangues pela disputa dos pontos de venda de drogas; toques de recolher e lei do silêncio imposta pelos traficantes; impedimento de acesso aos bairros e comunidades por parte dos traficantes; além das ações da polícia nos bairros e comunidades: caça aos traficantes, homicidas e infratores em geral, buscas e apreensões de drogas e armas, prisões, detenção de usuários de drogas, entre outras.

Os acontecimentos acima receberam mais destaque na editoria de *Polícia* do jornal *A Tribuna* que, diferentemente do concorrente, dedicou boa parte das matérias especiais ao tema violência. Essas matérias ocuparam as primeiras páginas do jornal e tiveram como foco a Grande Vitória. Quando se voltavam para Vitória, em geral, eram citados bairros e comunidades de uma ou mais poligonais, seja de forma genérica ou, mais especificamente, relatando algum fato ali ocorrido que ilustrava o tema da matéria. Mesmo quando a violência ocorreu em outros locais, na parte formal, isto é, nas áreas designadas como nobres da cidade, em algumas matérias os bairros e comunidades das

---

bairros Piedade, Fonte Grande, Moscoso e Santa Clara e a comunidade de Capixaba; Poligonal 8, que compreende Santo Antônio, Inhanguetá e Bela Vista e a comunidade Pedra do Bode; Poligonal 10, que compreende o bairro Conquista e a comunidade Alto Resistência; Poligonal 12, composta pela Ilha das Caieiras; e Poligonal 14, que abrange Tabuazeiro e comunidade de Alto Tabuazeiro (Morro do Macaco).

<sup>6</sup> Vale citar aqui o estudo realizado em 2007 pelos professores Cláudio Zanotelli e Jorge Lellis Bonfim Medina, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A partir das análises dos textos jornalísticos dos jornais *A Tribuna*, *A Gazeta* e *Notícia Agora*, os professores estabeleceram uma tipologia, que eles chamaram de dois mundos ou duas classes: o “nosso mundo”, aquele das classes dominantes e médias, e o “outro mundo”, formado pelas classes dominadas, operários, desempregados e os excluídos em geral. Segundo eles, os jornais tratam os crimes cometidos pelo “nosso mundo”, que não utilizam diretamente a violência física, como não violenta, e os crimes cometidos pelas pessoas do “outro mundo”, como graves, cruéis e hediondos. Com base em uma compilação de 1120 matérias dos três jornais, Zanotelli e Medina dividiram as ações criminosas em cinco categorias. Dessas, no tópico crimes contra a pessoa, *A Tribuna* foi o veículo que mais se destacou, com 46,3% do total de matérias. Nessa categoria, sobressaíram-se os homicídios, com 20% das ocorrências em todos os jornais. Foram 256 matérias sobre homicídios, sendo que em 81,15% as vítimas eram do sexo masculino. Em relação às fontes, os jornais utilizaram as chamadas oficiais. As versões apresentadas pelos policiais predominaram em 37% das matérias.



poligonais foram noticiados como sendo o local de origem das pessoas que cometeram os atos de violência.

Contrariando ainda a postura de *A Gazeta*, que se pauta pela não exposição de corpos e de pessoas que sofrem violência, e até mesmo pela presença de poucas imagens daquelas que praticam tais atos, o jornal *A Tribuna* explorou com mais frequência esses recursos. Outra tendência do jornal foi estampar na capa fotos que revelam o desespero das vítimas, de familiares e amigos diante da violência.

O jornal *A Gazeta*, seguindo a tendência de outros jornais de grande circulação, reduziu as notícias de violência em suas páginas, o que justifica a ocorrência de menos matérias em suas edições relacionadas aos bairros e comunidades das poligonais. Mas elas continuam presentes, em geral, em forma de notas ou pequenas matérias, com poucas fotografias, ocupando a editoria de *Dia a Dia*, juntamente com outros assuntos do cotidiano. No entanto, quando o assunto é violência, criminalidade ou segurança, o nome *Segurança* acompanha a editoria.

As matérias que abordaram a violência nos dois jornais, ainda que recebessem destaques diferenciados, continuaram reproduzindo o discurso das autoridades. Incapacitados de narrar com exatidão os acontecimentos, uma possibilidade vedada a qualquer narrador dado ao impedimento de apreensão do real, e sujeitos à ditadura do tempo imposta hoje às redações em função da exigência de uma velocidade cada vez maior na apuração dos fatos, os profissionais de imprensa ficam limitados aos relatos passados pelos policiais e assessores ou, o que é mais dramático, aos boletins de ocorrência, os famosos BOs. Relatos de testemunhas, quando existem, ocupam espaços bem reduzidos, uma vez que, influenciados pelas narrativas dos meios eletrônicos, a tendência dos jornais é diminuir cada vez mais o tamanho das suas matérias.

No tocante às demais notícias, as matérias seguiram um padrão que provoca nos leitores efeitos bem próximos aos produzidos pelas informações sobre violência, a saber: preconceito e discriminação em relação aos bairros e comunidades analisados. Em geral, foram matérias de cunho negativo, que falavam sobre problemas enfrentados pelos moradores que só tendem a piorar a imagem dessas localidades em relação ao resto da cidade. Um exemplo foram as notícias sobre deslizamentos e inundações



provocados pelas chuvas. Os dramas dos moradores são sempre explorados nessas matérias que, via de regra, têm data para ocuparem as páginas dos jornais. Somam-se a isso as notícias sobre a falta de infraestrutura nos bairros e de equipamentos públicos ali existentes.

O jornal *A Tribuna* dispõe ainda de uma coluna diária, *Qual é a Bronca*, destinada a reclamações dos leitores. Os bairros e comunidades das poligonais apareceram com frequência nesse espaço. As notas ali publicadas referem-se a reclamações variadas, boa parte delas de interesse exclusivo do leitor. Mas o espaço funciona também como uma oportunidade que o morador tem de ocupar um meio de comunicação para mostrar os problemas do bairro e revelar sua insatisfação em relação às autoridades. Matérias de outra natureza, de cunho positivo, foram raras nos dois jornais durante o período pesquisado. As poucas que foram publicadas falavam de ações ou projetos sociais desenvolvidos nos locais pelo poder público, organizações não-governamentais e iniciativa privada. Entre as nove que registramos (sete em *A Gazeta* e duas em *A Tribuna*) vale destacar:

- *Livro retrata lendas urbanas em comunidade de Vitória*, publicada em 5 de dezembro no Jornal *A Gazeta*. A matéria fala sobre o livro lançado pelo Ateliê de Idéias, uma Oscip que atua nos bairros e comunidades que pertencem a Poligonal 1.
- *Trilha de Sucesso*, matéria veiculada no *Caderno Dois*, de *A Gazeta*, no dia 12 de Dezembro, e que trata da apresentação no Teatro Tom Jobim, na capital carioca, de jovens que participam do Centro Cultural das Caieiras (Cecaes), que funciona na Ilha das Caieiras, que compõe a Poligonal 12.
- *Grupo de Teatro promove a consciência crítica e a reflexão*, no dia 25 de dezembro na editoria de *Política* de *A Gazeta*. Com direito à foto e chamada na capa, a matéria falava do Grupo Facto (Fazemos Arte com o Teatro do Oprimido), formado por jovens de São Benedito (Poligonal 1), que fazem apresentações gratuitas abordando temas como o primeiro emprego, preconceito e violência.
- *Lavador de carro vira empresário e agora cuida até de avião*. Essa foi a chamada de capa do jornal *A Tribuna*, no dia 25 de dezembro. Na foto aparece



em destaque o então lavador de carro e agora empresário, Cecílio Ribeiro dos Santos, conhecido como Saruê, nascido no Romão (Poligonal 2). Na matéria, publicada na página 23 da editoria de *Economia*, intitulada *De lavador de carros a empresário*, o leitor fica sabendo da trajetória do empresário.

### **Algumas considerações...**

O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Cândido Mendes realizou um diagnóstico da cobertura sobre violência e criminalidade a partir de duas pesquisas: a primeira, intitulada Pesquisa Brasil, foi realizada em 2004 e teve como foco a produção de nove jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e a outra, Pesquisa Rio, em 2006, tendo como objeto oito jornais do Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Alguns dados do diagnóstico são relevantes para o presente artigo, uma vez que confirmam nossa análise:

- Abandono pelos jornais de recursos mais ostensivos de apelação de sensacionalismo. Na pesquisa Brasil, apenas 0,4% dos textos analisados sugeriram a restrição dos direitos dos criminosos como solução para o problema da violência, tendência que se observou até mesmo nos jornais ditos populares. Apenas 0,3% das matérias falavam na possibilidade de se fazer justiça com as próprias mãos.
- Somente 2,9% dos jornais do Rio de Janeiro publicaram fotos de cadáveres. Fotografias de ferimentos e deformações causados por atos de violência apareceram em 1,4% dos jornais. Esses recursos foram mais explorados pelos informativos populares.
- Em relação à abordagem, a pesquisa revelou que o factual ainda é o conteúdo predominante na maioria das matérias (77,7%) nos jornais do Rio e também nos diários pesquisados em nível nacional (63,8%). Ainda de acordo com o diagnóstico, 82,5% dos textos analisados nos jornais do Rio eram relatos de

---

<sup>7</sup> Na Pesquisa Brasil, foram analisados 2.514 textos dos jornais: *O Globo*, *o Dia* e *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro); *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *Agora São Paulo* (São Paulo); *O Estado de Minas*, *Hoje em Dia* e *Diário da Tarde* (Minas Gerais). A Pesquisa Rio analisou 2.651 matérias dos jornais: *O Globo*, *O Dia*, *Jornal do Brasil*, *O Povo*, *Tribuna da Imprensa*, *Meia Hora*, *o Fluminense* e *Extra*.



histórias individuais (assaltos, homicídios, acidentes, anúncios oficiais). Esse percentual subiu para 83,7% na Pesquisa Brasil.<sup>8</sup>

Participantes da equipe que elaborou o diagnóstico e autoras do Livro *Mídia e Violência*, Silvia Ramos e Anabela Paiva observam que uma das principais críticas à atuação da polícia é o fato desta correr atrás do crime, não tendo capacidade de agir de forma preventiva, com planejamento e inteligência. O mesmo se daria, segunda elas, com a cobertura jornalística no país, mesmo nos considerados melhores jornais. “Na maior parte, ela corre atrás da notícia do crime já ocorrido ou das ações policiais já executadas, mas tem pouca iniciativa e usa timidamente a sua enorme capacidade de pautar um debate público consistente sobre o setor.” (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 25). Concluem as autoras que, apesar dos avanços dos últimos anos, a cobertura superficial dos fatos revela um investimento ainda pequeno por parte dos jornais no tratamento dado ao relevante tema da violência. “Assim, vive-se uma contradição: enquanto a mídia denuncia a gravidade da crise da segurança pública no país, abdica do papel de tomar a dianteira no debate sobre o tema – o que poderia motivar ações do Estado mais eficazes e abrangentes.” (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 25-26)

Uma possível resposta a essa contradição apontada pelas autoras de *Mídia e Violência* seria o interesse dos meios de comunicação em dar continuidade a esse processo de produção das notícias que, na visão de Belarmino Cesar Guimarães Da Costa, é condição mesma da estética da barbárie que marca a mídia na contemporaneidade. Ancorado na Teoria Crítica de Adorno, Benjamin e Horkheimer, Belarmino defende que a estética da barbárie, amplamente explorada de forma bombástica nas manchetes e títulos dos jornais, bem como na vinculação do grotesco e do incomum, é a responsável por privar o leitor de ter acesso a temas relevantes para a sociedade. Esse aspecto inerente à produção da notícia se dá em função das condições industriais da produção jornalística e do fato de ela buscar a sensacionalização dos acontecimentos sociais.

“O conteúdo exploratório do espetacular enquanto elemento constitutivo da notícia se conforma às formas de produção que propiciam a fragmentação, desmontagem, aceleração do processo de produção e consumo de informações,

---

<sup>8</sup> Confira: RAMOS, S. e PAIVA, A. **Mídia e Violência - Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: JUPERJ, 2007, p. 18-20.



favorecendo, no seu conjunto, a distorção, o falseamento da realidade, a exposição cindida de fatos simplificados.” (COSTA, 2002, p. 6)

A espetacularização e a busca pelo grotesco vão além dos enunciados, dizendo também respeito à forma de produção da notícia (COSTA, 2002, p.16). Parte-se de uma caracterização mais ampla da relação entre indústria cultural, sociedade e produção tecnológica para específicos campos da comunicação social, a saber: a narrativa jornalística e a racionalidade técnica que perpassa sua construção (COSTA, 2002, p.18). Ao abordar a racionalidade instrumental intrínseca na construção do artefato noticioso, o argumento do autor é de que a sensacionalização dos fatos sociais é inerente à produção das notícias, dadas as circunstâncias objetivas em que estas são produzidas. (COSTA, 2002, p. 19)

O autor fala também em uma separação própria da produção jornalística entre os detalhes dos fatos noticiosos e a realidade, da subsunção do contexto histórico e social a um momento qualquer cristalizado pelo espetáculo. “A repetição de uma cena trágica partindo-se de um detalhe mais excitante não resulta em esclarecimento, e sim em espetáculo que move a imaginação e a curiosidade.” (COSTA, 2002, p.70). Há hoje uma absolutização do detalhe da informação jornalística que fica, dessa forma, presa ao grotesco, ao inesperado, ao sensacional em detrimento das informações de contexto. As técnicas de produção das notícias centradas na repetição possibilitam que os detalhes obstruam a compreensão da totalidade concreta do real. “O reconhecimento é feito pelo detalhe, repetido excessivamente nas diferentes programações.” (COSTA, 2002, p. 71)

A técnica narrativa do *lead* é apontada por Belarmino como uma forma de reprodução permanente dessa racionalidade técnica. A indistinção entre o essencial e a informação periférica, apresentados no mesmo bloco de notícias, leva o receptor a deparar-se com o trágico, o satírico e o romanesco e com a informação dita séria, e a identificar todas as informações por aquilo que manifesta o inesperado, ao mesmo tempo, que deixa de perceber as significações dos fatos tomando por base o seu *background* histórico. (COSTA, 2002, p. 71). Além disso, a racionalização da produção de notícias promove o acúmulo de informações fragmentadas e diversificadas que acaba por tornar o receptor incapaz de sensibilizar-se quanto ao trágico, à miséria e à dor. “A repetição continuada





da violência amortiza a indignação e age no sentido de sua banalização” (COSTA, 2002, p.135)

Em *Império do Grotesco*<sup>9</sup>, Muniz Sodré e Raquel Paiva também apontam para essa banalização da violência, e afirmam que o grotesco chocante é a modalidade dominante nas programações para a grande massa porque é uma forma de “encenar o povo e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância.” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.133). E continuam os autores: “Dão-se voz e imagem a energúmeros, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue às causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos.” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 133)

Já em *Sociedade, Mídia e Violência*, Muniz Sodré faz uma relação dos vários tipos de violência: a anônima, a representada, a sociocultural, a sociopolítica e a violência social. As primeiras são caracterizadas por atos de violência, enquanto a última apresenta-se como estado de violência. Este é silencioso, invisível, burocrático e “decorrente de um modelo social fixado pela hipertrofia centralista do poder.” (SODRÉ, 2002, p. 12-13).<sup>10</sup> A violência social apresenta-se de forma direta, ou seja, o uso imediato da força física, ou indiretamente, por meio dos vários modos de pressão: econômicos, políticos, psicológicos ou pela ameaça do uso da força (SODRÉ, 2002, p.17-18). A mídia também é produtora de violência na medida em que é responsável pela veiculação de produtos que estão aquém da maioria da população. “O hiato entre a telerrealidade do consumo e a escassa realidade histórica da satisfação dos desejos midiaticamente produzidos é gerador de frustrações reais, potencialmente, de violência.” (SODRÉ, 2002, p. 37)

Se por um lado a insegurança pública, caracterizada pela violência nas ruas, terrorismo e ameaças em geral, legitimam o Estado quanto à existência dos seus aparelhos repressivos, por outro, possibilitam a forma dramática e catastrófica com que a mídia aborda hoje o real. “As ideologias políticas dão lugar pouco a pouco às ideologias de segurança pública.” (SODRÉ, 2002, p. 96). Continua Sodré:

---

<sup>9</sup> O livro trata da predominância do grotesco na televisão, mas serve aqui para pensarmos também a noção questão, a saber: a cobertura da violência nos meios impressos.

<sup>10</sup> Em outra passagem dessa mesma obra, Sodré aponta a urbanização caótica, fruto do modelo aplicado ao setor agrícola, o desemprego e a falta de participação política efetiva das massas como raízes do estado de violência. (2002, p. 79).



“A mídia é a principal gestora das enunciações em que o ato agressivo aparece como gênero catastrófico, gerador não de simples medo – que todo vínculo social costuma acomodar -, mas de medo excessivo, ou pânico. Sabemos que, do ponto de vista dramático, a violência é um recurso de economia discursiva: o soco ou o tiro do herói no vilão poupa o espectador de longas pregações morais contra o mal. É uma eclipse semiótica com grande poder de sedução.” (SODRÉ, 2002, p. 96-97)

Sodré (2002) fala ainda em um sadismo por parte do público, de um prazer de ser espectador do sofrimento do outro. A visão do fato violento, exibida de forma dramática ou não, funcionaria como é uma tentativa, muitas vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no dia a dia. “O desastre, a agressão, a monstruosidade teatralizados, discursivamente encenados funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever àquela representação específica a angústia generalizada em face da *destrudo* social.” (SODRÉ2002, p.98)<sup>11</sup>. Seria então a mídia responsável por enxertar à realidade da violência urbana uma realidade imaginária de ficção? “Não se trata mais da velha identificação projetiva com uma figura mítica e distante - em que se dá a perda do si no outro -, mas de um espelhamento total, com vistas à conservação imaginária de si mesmo.” (SODRÉ, 2002, p 98)

E assim a visibilidade crescente da *destrudo* e dos eventos catastróficos, como cataclismas, desastres, assaltos, homicídios e guerras, “contribui para a estetização midiática da vida cotidiana transformando o mundo em um vasto teleteatro de acontecimentos sinistros.” (SODRÉ,2002, p 98-99). Conclui Sodré que “a destrutividade representada nessas ficcionalizações híbridas de realidade e imaginário corresponde uma grande capacidade midiática de gerar fantasias apocalípticas, que ratificam o sentimento de precariedade da existência.” (SODRÉ, 2002, p. 99)

O grupo *A Violência e sua Superação no Âmbito da Mídia* que se reuniu durante da VII Conferência Nacional Sobre Direitos Humanos, realizada em 2002 em Brasília, concluiu que a mídia trata as notícias como produtos sujeitos à lei de mercado, recorrendo ao sexo, sensacionalismo, erotização de criança e glamorização do crime,

---

<sup>11</sup> Em uma passagem anterior Sodré associa o conceito psicanalítico da *destrudo* ao progresso da racionalidade econômica. “Os holocaustos, os etnocídios, o aumento das formas maníacas de delinquência, os assassinatos por motivos fúteis – tudo isso acompanha e cresce exponencialmente com o progresso da racionalidade econômica. A violência destrutiva permanece como um desses instigantes ‘nós’ culturais que Freud caracterizou como um mal-estar civilizatório.” (SODRÉ, 2002, p.27).



que acabam por criar estratagemas de sedução dos leitores e telespectadores. O resultado disso é a manipulação do imaginário coletivo, mais perceptível em países, a exemplo do Brasil, onde inexiste uma tradição democrática, a sociedade civil encontra-se ainda bastante fragilizada, exposta a relações promíscuas entre o Estado e as corporações, e predomina um acentuado índice de analfabetismo funcional, tudo isso resultado da violência histórica das elites contra as organizações e movimentos sociais.<sup>12</sup>

Relator do grupo na conferência, José Arbex Jr. ressalta que a mídia não apenas propaga a violência, como também se constitui em “um componente da violência organizada pelas elites contra a nação.” (ARBEX, 2004, p.386). A mídia produz uma caricatura dos acontecimentos, retirando fatos do seu contexto concreto para transmiti-los como eventos fragmentados, desvinculados da história e da sociedade.

“Assim, por exemplo, a violência em determinada favela é explicitada pela ação de indivíduos 'malvados', de narcotraficantes e de 'gangues de malfeitores', sem que se explicita o fato de que sua ação se dá num quadro de 'desemprego estrutural', que destrói a vida de milhões de jovens privando-os de utopias e sonhos, e em circunstâncias sociais trágicas, em locais onde não há escolas, hospitais, pronto-socorros, água, esgoto, áreas de lazer e assim por diante. Com isso, a violência aparece como um 'dado da natureza', algo causado por razões raciais ou genéticas.” (2004, p. 386-387)<sup>13</sup>

Lembrando que a luta contra o monopólio da comunicação é essencial à democracia, o autor enumera em seu artigo *Uma outra comunicação é possível (e necessária)* passos práticos para se alcançar a democratização dos meios de comunicação, tanto por parte do poder público, como pela sociedade civil.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> ARBEX, J. Jr. *Uma outra comunicação é possível (e necessária)*. In: MORAES, D. (org.). Por uma Outra Comunicação. Rio de Janeiro/São Paulo: 2004, p. 385-386.

<sup>13</sup> Entre os integrantes do grupo estavam membros da Polícia Militar de Alagoas, que desenvolviam na época um trabalho de educação junto à comunidade, culminando na diminuição significativa da violência local. Segundo relatos da delegação, a mídia não divulgava nada sobre a experiência, priorizando matérias de violência. “Se algum de nós der alguma declaração no estilo 'Rambo', pode ter certeza de que receberá total cobertura da mídia. Mas as nossas atividades diárias, de um trabalho integrado com a comunidade não merece sequer um comentário,” relatou um tenente da delegação. (ARBEX, 2004, p. 366,389).

<sup>14</sup> ARBEX, J. Jr. *Uma outra comunicação é possível (e necessária)*. In: MORAES, D.(org.). Por uma Outra Comunicação. Rio de Janeiro/São Paulo, 2004, p. 394-397.



### ....e apontamentos

Na edição do dia 5 de abril de 2010, o jornal *A Gazeta* publicou matéria na editoria de *Dia a Dia* sobre o aumento dos homicídios na Grande Vitória, que cresceu 12% no primeiro trimestre de 2010, em relação ao mesmo período de 2009. Foram 327 assassinatos em Vila Velha, Cariacica, Serra, Viana e Vitória. Somente na capital, foram registrados 48 homicídios. Essa é uma realidade que a população do Espírito Santo vem enfrentando nas duas últimas décadas.<sup>15</sup> O estado é um dos mais violentos do país, estando hoje em segundo lugar no ranking nacional.

Esta condição coloca a violência em foco e os números acima nos servem aqui para situarmos a importância do presente artigo, uma análise a partir de um recorte sobre a cobertura que os jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* fazem de territórios específicos do município de Vitória, no qual constatamos um predomínio de matérias sobre violência e criminalidade.

Mas nossa principal constatação é de que essa realidade se dá em âmbito nacional, o que demonstra o quão fundamental são os estudos aprofundados sobre a questão. E o mais importante, a necessidade de se pensar em estratégias para se reverter essa tendência. Cabe a nós então concluir esse artigo com alguns apontamentos que nos possibilitem pensar em mudanças. Sem deixar de lado bandeiras já há muito levantadas pelos profissionais da área de comunicação - bem como por outros segmentos da sociedade -, entre elas a urgência de se promover a democratização da comunicação, tanto do acesso como da produção de conteúdos,<sup>16</sup> acreditamos que as mudanças também deveriam partir das redações, em particular dos profissionais mais diretamente ligados à cobertura dos acontecimentos que marcam o cotidiano das comunidades, como as matérias de segurança ou de polícia, este último nome ainda dado a uma editoria de um dos jornais pesquisados.

---

<sup>15</sup> Confira Zanotelli C. e Riazar E. C. *Criminalidade Violenta e Fragmentação Urbana na Grande Vitória*. Vitória: Geografares - Revista do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), nº 5, 2006, p. 35-69.

<sup>16</sup> Responsabilidade que cabe ao poder público, em especial aos legisladores que têm a tarefa de criar leis que assegurem esse direito, como também aos meios de comunicação que assumiram um compromisso com a sociedade em divulgar informações e conhecimentos de interesse das diversas multidões que a compõem.



Começamos pela qualidade da apuração, que passa pela aquisição de conhecimentos de vários campos do saber: do funcionamento do sistema judiciário e da legislação vigente, que fornecem aos jornalistas outras possibilidades de fontes e, portanto, ângulos da notícia, que não os comumente veiculados e que se limitam às versões policiais, quando não se restringem aos BOs; da sociologia, antropologia, geografia e outros campos relacionados à esfera social, que contribuiriam para uma compreensão mais aprofundada sobre o sentido de comunidade e as diversidades culturais que caracterizam as multidões<sup>17</sup> que formam a corpo social.

Entender o fenômeno complexo da violência, que abrange vários setores da sociedade, não se restringindo apenas à criminalidade explorada pela mídia (mais um indício de que as pautas e coberturas estão por demais atreladas aos BOs) é condição primeira para profissionais que tratam diariamente de temas relacionados à segurança pública, criminalidade e violência em geral. Conhecer a realidade socioeconômica e cultural dos diversos territórios da cidade deveria ser uma exigência para os profissionais das redações que cobrem assuntos voltados para as comunidades, da mesma forma que se espera dos jornalistas de outras editorias um domínio acerca dos assuntos ligados as suas áreas de atuação. Especificamente, para jornalistas que apuram matérias nos bairros e comunidades de Vitória, é fundamental conhecer a história da ocupação do município a partir dos anos 60, quando se deu a migração em massa para a capital de trabalhadores do interior prejudicados pela crise cafeeira e atraídos pelos grandes projetos industriais.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Trabalhamos aqui com o conceito utilizado por Antonio Negri e Michael Hardt no livro *Multidão*, definida pelos autores como sendo uma das faces da globalização. A outra seria o império, responsável por disseminar, em seu caráter global, uma rede de hierarquias e divisões mantenedoras da ordem por meio de novos mecanismos de controle e permanente conflito. “A globalização, contudo, também é a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que se alargam pelas nações e os continentes, facultando uma quantidade infinita de encontros. Esta segunda face da globalização não quer dizer que todos no mundo se tornam iguais; o que ela proporciona é a possibilidade de que, mesmo nos mantendo diferentes, descubramos os pontos comuns que permitam que nos comuniquemos uns com os outros, para que possamos agir conjuntamente.” NEGRI A. e HARDT M. *Multidão- Guerra e Democracia na Era do Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 2005. p.12. Veja também dos autores: *Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.

<sup>18</sup> Confira: COELHO, M.B.S. *Gestão de Políticas Públicas com Inclusão Social no Âmbito da Prefeitura Municipal de Vitória*. Monografia apresentada ao Instituto Saber & Faculdades Integrada de Vitória e Faculdades Integradas de Vitória como requisito para conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em Gestão Municipal de Políticas Públicas, 2005.  
[http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20090903\\_monogra\\_margareth\\_terra.pdf](http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20090903_monogra_margareth_terra.pdf)> acesso em 6 abr 2010.



Acreditamos ainda que uma cobertura plural implica em uma diversificação de fontes da sociedade civil, organizada ou não, muitas delas dispostas a mostrar seus trabalhos e campos de atuação para a sociedade: organizações não-governamentais, associações de moradores, projetos sociais da iniciativa privada, o chamado terceiro setor. Assim, tende-se a reduzir a reprodução na imprensa de velhos discursos, muitos deles originários do senso comum.

Além de apontar problemas, cabe à imprensa uma cobrança mais incisiva das autoridades na solução daqueles, não se contentando com as justificativas superficiais e promessas irreais dos secretários e gestores responsáveis pelas ações de responsabilidade do poder público. Em nome de uma suposta neutralidade apregoada pelo princípio jornalístico de neutralidade, os jornalistas se limitam a ouvir o “outro lado” sem ousar uma postura mais enérgica na cobrança por explicações, muitas delas sobre o descaso com certos segmentos sociais, quando não com toda a sociedade. O efeito disso no leitor, não raro, é a sensação de que “a coisa” vai ficar por isso mesmo e a certeza da impunidade. Os jornalistas não somente podem, como devem, posicionar-se a partir de dados concretos.

Por fim, acreditamos ser imprescindível a diversificação das pautas em comunidades periféricas. Nosso trabalho com essas comunidades, e também acompanhando as equipes que assistem os moradores desses territórios, tem-nos mostrado as pluralidades locais, seja em projetos e ações voltados para o esporte e a cultura, seja em relação ao empreendedorismo de moradores e à atuação política de moradores e lideranças comunitárias. Argumentar simplesmente que os leitores não estão interessados em assuntos dessa natureza é uma atitude pretensiosa, a nosso ver, a não ser que os argumentos sejam fundados em pesquisas confiáveis e qualitativas de recepção. Do contrário, preferimos questionar tais posicionamentos, perguntando-nos se não passariam de preconceitos ou de desculpas para justificar a preferência dos jornais por um público de consumidores e não de cidadãos. Nesse caso, soa-nos falsa a afirmação de muitos jornais de que se encontram a serviço da sociedade.

Apostamos em mudanças e que é chegada a hora de questionar velhas crenças; que a história tantas vezes repetida de que apenas é notícia o homem que morde um cão não serve mais a uma sociedade tão plural quanto à contemporânea. Por que não,



apostarmos que a diversidade de assuntos tenderá a atrair outros públicos que se interessariam, sim, por temas que não sejam necessariamente espetaculares. Leitores que se identificariam com histórias do cotidiano, que falam daquilo que lhes é próximo. Os jornais que ousassem assumir esse enfoque descobririam que a vida é sim, notícia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, J.Jr. **Uma Outra Comunicação é Possível (e Necessária)**. In: MORAES, D. (org). "Por uma Outra Comunicação - Mídia, Mundialização e Cultural e Poder". Rio de Janeiro: Record, 2004.

CESAR, B. C. G. **Estética da Violência - Jornalismo e Produção de Sentidos**. Campinas/SP: Editores Associados, 2002.

COELHO, M.B.S. **Gestão de Políticas Públicas com Inclusão Social no Âmbito da Prefeitura Municipal de Vitória**

<[http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20090903\\_monogra\\_margareth\\_terra.pdf](http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20090903_monogra_margareth_terra.pdf)>  
acesso em 6 abr 2010.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Retirado do site:  
<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html> 1/12/2003

HARDT, M. e NEGRI A. **Multidão - Guerra e Democracia na Era do Império**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.

RAMOS, S. e PAIVA, A. **Mídia e Violência - Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: JUPERJ, 2007.

SODRÉ, M. e PAIVA, R. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, M. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

ZANOTELLI, C. L. e MEDINA, J. L. B. **Análise dos discursos sobre a criminalidade e a delinqüência na mídia capixaba e seus efeitos sobre a política de segurança e a percepção de (in) segurança**. In Revista eletrônica Ufes-Cidadã, 23 páginas, n°2, março de 2007. Disponível em :  
<http://www.proex.ufes.br/nevi/revistas/analisediscursoagazetaatribuna.pdf>.

ZANOTELLI C. RAIZER, E. C. **Criminalidade violenta e fragmentação urbana na Grande Vitória. Geografares**: revista do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). n°5, 2006, pp.35-69.